

A CHAVE DOS TEMPOS

Livro 112

Reflexões e Aforismos

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



VIAGEM UTÓPICA

Ora sofro influencias da realidade, ora da ficção. Com a pretensão de viver transferi-me para um lugar qualquer neste mundo onde cabia o jogo de conveniências que permite ir mais longe e por mais tempo, uma viagem utópica.



DIVISOR DO TEMPO

Divisor do tempo e regulador de espaços, remonto ecos, restauro asas, sou confessor de anjos, restauro velas e candelabros, e peças de teatro, fixo de maneira quase definitiva o caminho dos desmemoriados, costuro roupas exóticas, controlo ventos e nuvens. Cresci brincando.

PLÁGIO

Plagio uma astúcia para repor em circulação um saber que me escapa. A glória de haver-te conhecido me fez um inventor hábil no engano. No uso das palavras sou mais sequestrador que condutor da alma.



NENHUM VESTÍGIO

Meus sentimentos não deixam nenhum vestígio de que estejam livres de esperas. Desta forma, está fora de cogitação usá-los para qualquer afobada narrativa. Os meus interesses não são meramente os discursos, falo, mesmo sabendo de antemão que caminho para a aceitação de que os meus sentimentos são impronunciáveis.

AQUELES POR QUEM A LUA DANÇA

Aqueles por quem a lua dança se precipitam no vazio tentando alcançá-la. A terra os deixa partir em direção as novas verdades. Tentarão ajustá-las a si próprios, realizados em sua vontade de exílio como aqueles que se realizam em terras outras.



SUBORDINADO

Subordinado nos braços da cadeira repouso, fabrico um tempo estendido. Acumulo monólogos imito os solitários. Cato palavras reencontradas ao acaso, sustentando precipitados reconhecimentos, ordenando paciências duradouras, orações sem ponto final.

ENCANTAMENTOS

Esses meus encantamentos são temáticas de passagem. Levam-me em busca de mediadores proféticos, profetas do passado, lugares desejados, a buscar livros esgotados, a procurar pelas amizades perdidas, ao poder da metamorfose.



SOU CONJUNTO

Sou um conjunto fragmentado, reunião de várias partes, mergulhado nestas obsessivas narrativas onde esboço invenções entre eu e meus personagens movidos pela preocupação de persuadir. Faço soar imensas relíquias depositadas no espaço misterioso entre a memória e o papel. Aproprio-me de ocasionais surgimentos que se oferecem como que escapados de algum profundo lugar. Eles me dominam, se ocupam de me fazer portavoz destes documentos, provas que dominam o meu imaginário dele arrancando variantes infinitas.

VENTOS E MOINHOS

Para entender meus moinhos será preciso voar com meus ventos, calar as ofensas, dispor da fome, do fastio, da evacuação e do alívio, dar e receber, acolher o cansaço e o descanso. Para passear por meus moinhos será preciso aceitar minhas inocentes mentiras, minhas falsidades, aprender a explorar as tempestades, os furacões, as calmarias e as covardias que eu nunca soube tolerar. Conviver com todos os exageros que não sabem se comportar.



TERREMOTOS

Os terremotos sempre vêm acompanhados dos medos de todos os tipos, medos cegos, inventados, doidos, doídos. Medos que entram na carne e no osso, que encolhem as impressões digitais, que galopam nos pés e sacodem o equilíbrio enquanto a casa geme invadida e surpreendida se transforma em ruínas.

NÃO CONHEÇO À MORTE

Não conheço à morte, algum dia terei de encontrá-la, terei que dizer-lhe que só a conheço de vista pousada no corpo alheio, e mais, que não costumo conversar com desconhecidas. Delicadamente lhe farei ver que nunca frequentei guerras e outros perigos induzidos, que a maior exposição ao perigo foi comer cachorro-quente na rua e nos estádios de futebol. O meu testamento está assinado, minha agenda lotada e nossos interesses distintos, tudo é desencontro. Vou sugerir-lhe que volte outro dia, que procure outro mais interessado na sua companhia, algum suicida necessitado de assistência. Pedir-lhe-ei paciência com a minha insistência em seguir vivo, acabar-lhe-ei convencendo que se ela me levar verá o quanto imaturo estou para morrer. Ainda não dispenso atenção exclusiva.

FRAGMENTO

Fragmento o tempo buscando as vantagens da invisibilidade. Fragmento roteiros para construir arranjos alternativos onde todos os remendos flutuem ávidos e repousem como um selo de autenticidade.



RENOVO

Renovo, devolvo à vida o ofertado não escolhido. Reabilitado da insalubre acolhida, do abraço vazio, do indisposto, dou novo alento, refaço os trilhos, aprimoro a boa vontade. Quanto aos amores mal amados, mal acolhidos, de segunda mão, depredados, amores de bolso, irreverentes, onipotentes, estreitos, sujeitos à insolvência; esses, repasso-os.

ÚLTIMO RECURSO

O último recurso será por determinação, o anterior foi por conveniência, mais que anterior, por insistência, o anterior do anterior, por resistência. Demito-me contra a vontade, dou lugar ao haja o que houver; e nada houve, espero de boa ou má vontade; e não há vontade, rodo a mercê da corrente; e não há fluxo, resigno-me a não querer; e ainda quero. Não havendo apelo nem agravo; sigo aferrado no aturamento, vou-me deixando ficar.



INVENTO RESPOSTAS

Já ninguém responde nada! Mudo a entonação, disserto o silêncio, a fala que endereça, falo com as casas, com os botões, falo sozinho, prego no espelho, entredigo palavras ao vento, não converso mais com altares, falo a traços largos, desfio pequenas histórias, quase fábulas, versifico racontos, recitas, esboços, resenhas, ensaios. Invento interlocutores; nada, ninguém responde.

SEM ALMA

Deixem-me viver sem alma, não quero saber se há outras coisas mais, não me digam que há consciência, deixem como está, não me falem mais, quero viver assim nomás. Sem essa tua palavra, sem essa atenção, posso seguir sem ver, sem saber, sem escutar. Contigo aprendi a calar, a fazer de conta que não há nada, de que não há história para guardar, que não há nada importante para contar, nada, nada que valha, e na falta do que, melhor esquecer, ou nem lembrar.



MAUS BOCADOS

Pouco me importa ser movido por um indiferentismo. Acabado o alento, aposento o alvoroço, aturo com paciência a fuga dos ânimos, o retorno das incômodas prudências, as mansas impotências, a irritável noite sem sobressaltos, o inodoro limbo. A ausência de riscos, o padecimento da falta de novidades. O descontentamento pelo previsível, a aflição hoje recaída na mesmice, passa maus bocados com a falta de pecados.

COMPASSO DE ESPERA

Mantenho-me em compasso de espera. Manejo a dose recomendada, bestifico-me todo, propositadamente inadequado, finjo aceitar o mal guiado, favoreço a falsidade. Com ventos contrários, faço crer que sou cúmplice, me aglomero como represália, revido, alimento a fragilidade, arreio a bandeira, ganho a ocasião para fraudar todas más intenções.



DEMASIADAS FADIGAS

São demasiadas as fadigas, semeadas as sepulturas, os choros se constituíram em movimentos involuntários, eram o único meio de passar do desespero à esperança, continuar com esse ofício de sobreviver, de dar-se hospitalidade.

FALTA DE APOIO

Deportadas, minhas fantasias estão reduzidas. Sem dar garantia às narrativas, vagam no sentido perdido, fogem dos meus serviços, assustadas com a desordem comparam-me a um autor em desuso. Minhas fantasias escapadas dos meus domínios, perdem seu curso natural, sua natureza. Por falta de apoio se desobrigam, por falta de alojamento abandonam-se, desapontadas com as minhas metas transtornadas.



VÃS SEGURANÇAS

Remonto-me à inutilidade daqueles que buscam segurança. Falam e cuidam das ameaças como se pudessem caçá-las, atraí-las, apaziguá-las, consagrá-las úteis. Tantas ardentes defesas, ilustram sua atração pelo que temem, se atraem pelo que repelem, trazem-na de volta a cada momento amedrontando, fugindo na sua direção.

UM MERO OLHAR

Um mero olhar, desta vez um pouco mais penetrante, desaparece em ti os significados secretos, evoca a razão, chama a primavera eternamente imposta na tua aparência, conta uma impalpável vocação da luta contra o tempo que expressa ecos de passagem, depositário e distribuidor das histórias. O tempo conta os teus fracassos diante do indomesticável corpo que insiste em avançar pelos caminhos que subvertem todos os dias aquilo que queres ocultar.



REVELAÇÕES

Fatos secundários à minha escolha revelam de forma a ultrapassar a minha capacidade de compreender como existem aqueles que toleram a força da dor que lhes atrai e fascina, aqueles que dela são escravos. Eles se comunicam com ela como se dela dependessem, na verdade, posso dizer que ela lhes dá sentido para viver, lhes dá a resposta como se tratasse de um destino

autopromovido. A forma serena como a recebem declara, ainda que com certo segredo, que estavam como se a esperassem, como se ela expurgasse todas as culpas, como se fosse a coisa melhor. Vivem seu experimento com encantamento, parece espontâneo o movimento que lhes ordena viver a dor e o sofrimento. Fazem disso uma oportunidade vivida como uma nova obra, como sonhos que se tornam realidades, um renascer segundo seus desejos.



SOU ALGUÉM

Hoje sou alguém que se dá conta de que a aflição fraqueja, que a calma espera passar, que o abandono exclui, que o desespero enraivece, que a morte finda, que o desejo é sempre veemente, que os amores desaparecem, que os danos permanecem, que a memória recria, que a esperança resiste, que a privação mutila, que o calado desaparece, que as notícias inventam verdades. Que a ética escolhe não andar mal acompanhada.

SILÊNCIOS VAZIOS

Meus silêncios feito vazios, guardam as justas proporções, moem desgostos, mergulham quietos em lugares que só os deixam entrar. Atrevem-se a curtir em fogo lento, desunem o que não vale coisa nenhuma, madrugam em vícios incompatíveis com o dia. Esses meus silêncios são como silos, guardam minhas intactas palavras como alimento que se despedem da boca que os lança.



ENTRE O PEITO E A PALAVRA

Enlaçado entre o peito e a palavra, modero meus desejos, é unipessoal a tentativa. Extraio quilates da leitura moderada. Aventuro-me espontaneamente para sair bem, demito a insensatez que se apresenta como necessária. Adapto as regras aos planos. Deporto as dores inúteis. Quero ser a página nova.

A CHAVE DOS TEMPOS

Levo a chave dos tempos -falta-me saber seu uso-, tenho as esperanças avariadas, atônito, decreto-me inundado de dúvidas. Há lições a serem aprendidas -o passo descalço e a dor vestida. Tentativas definem o limite transportável-neste litro cabem dois. Mexo a cabeça como um louco, portador de jardins, navego em monossílabos; iludido, acredito dominar horizontes, embora não domine nem meus humores.



ANTIGAS IMPRESSÕES

Ninguém sabe ao certo se falo sério ou se alimento evocações. Reúno as criações, provoço novidades, espalho convocações. Faço esforços, lanço velas, lavro relevos, ramos, relaxo o atrevimento, seleciono as nutrizes, adestro as carências. Continuo para ver se encontro as impressões de outrora.

PENAS ACABADAS

Estão-se acabando as penas. Aceitos os perdões, tornam-se possíveis novas juras, corrigem-se as calúnias, desanimam-se as moendas. Fora de moda, a usurpação e a inveja andam sem rumo. Desalojados os nós, melhor aproveitam-se as meadas. A vida exige continuidade, indica um convite, invoca um patrocínio, acolhe e restaura costuras.



QUE LEMBRANÇAS AS MINHAS

Que caprichosas essas minhas lembranças que alcançam as mais profundas vontades. As que regam o viço, o direito da gratidão para com a fonte. Avançam pela boca e inauguram uma declaração. Recebo nelas o dom e a vida. Essas lembranças me põem o dia no caminho, a aflição que me inquieta, à sombra, põe verão no meu inverno, invertem a calma, rebatem o ritual e o cortejo. Abraçam o indulto, inventam braços para todos os amores, inutilizam o desamparo, agregam a fratura e espalham a fartura. Que caprichosas essas minhas lembranças!

Roberto Curi Hallal

